

1. INTRODUÇÃO

Após mais um mês, segue a problemática comercial entre EUA e China. Apesar do tom agressivo entre os dois países ter baixado, essa é, ainda, a principal fonte de incerteza nos mercados.

A Europa está sofrendo com a inflação, devido ao excessivo uso de políticas expansivas. Mesmo assim, deve permanecer com um bom crescimento.

A América Latina apresenta crescimento de 2,6% em 2018, de acordo com a Fitch,

graças à recuperação das commodities e a maior demanda externa.

O ministro da Fazenda deixa o Governo brasileiro e o estado aprova gastos bilionários em uma economia ainda em tímida recuperação. À frente será visto o que isso pode causar na economia.

Quanto à safra 2017/18, a produção total de grãos está estimada em 226,04 milhões de toneladas, sendo, portanto, uma queda de 4,9% em relação à safra anterior.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

O grande ponto, não apenas para os EUA, como para o mundo, é a possível guerra comercial entre EUA e China. Os EUA entraram contra o aço chinês, gerando tarifação de muitos produtos americanos por parte da China, o que propiciou a proibição de exportação de componentes saídos dos EUA para algumas empresas chinesas.

Para o Brasil, abre-se uma janela de oportunidades. Todavia, provavelmente os malefícios de uma nova era de protecionismo supere os benefícios temporários de acesso a mercados.

A taxa de desemprego segue em queda nos EUA: a criação de vagas foi de 103 mil e os salários continuam subindo. O desemprego está em 4,1%, a menor taxa em 17 anos. Seria um bom momento para o Brasil expandir suas exportações para lá, mas o grosso de nossas exportações se dá em produtos inelásticos à renda.

Devido aos problemas dos EUA, que está no olho do furacão das incertezas no momento, a moeda se enfraqueceu perante boa parte das moedas mais fortes do mundo. Para o Brasil, que como será mostrado adiante, a moeda se desvalorizou em relação ao dólar, servindo, apenas, como um alerta de que as exportações tendem a ser mais rentáveis.

A inflação apresentada pelo Banco Central Europeu está sob controle, mas perigosamente em crescimento, o que pode virar um problema em alguns anos. Outro ponto é o desemprego, que segue alto: se não é os 12,5% no auge da crise, 8,5% ainda é uma parcela muito alta de desemprego,

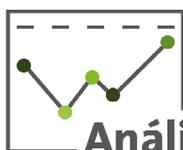
principalmente em um continente com fortes políticas sociais.

A China segue sendo o centro das atenções da Ásia. Primeiro, para se saber até onde chegará a guerra comercial contra os Estados Unidos, também serão apresentados em breve os dados de consumo da indústria e serviços, que deve dar uma ideia do que esperar para a economia chinesa no primeiro semestre.

O Banco Central Japonês prevê inflação de 2% em 2019, porém, a inflação divulgada está bem abaixo disso. Se haveria debate sobre a continuidade das políticas de estímulo do Banco Central com a inflação em alta, agora provavelmente muito pouco mudará na política fiscal japonesa.

O PIB argentino voltou a crescer, sendo 2,9% em 2017. A pobreza também caiu, afetando 25,7%, ou seja, uma queda de 5 pontos percentuais em relação a 2016. A seca no país em 2018 deve causar um novo revés na economia dos nossos vizinhos, pois eles também são bastante dependentes das exportações do agronegócio.

A campanha presidencial começou oficialmente no México, com uma grande confusão, quando o Tribunal Eleitoral aceitou um candidato com indícios de fraude que pode prejudicar o líder das pesquisas, o esquerdista André Manuel López Obrador. O rating do país segue o mesmo, reduzindo assim o medo que tinham de que houvesse um novo rebaixamento para as agências de risco, o que geraria mais problemas para o país, que já sofre na questão da inflação. Também por isso, a taxa de juros



Macroeconomia

MARÇO DE 2018

mexicana deve subir para 7,75%, em um movimento contrário ao que se vê no Brasil.

Após a queda no preço do petróleo vista no mês passado, houve uma recuperação em março. A valorização de US\$1 por barril. Apesar disso, a produção cresceu. Para o futuro, a previsão é ainda de queda, o que é bom para o produtor que usa fertilizantes com material importado.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 6 de abril, o crescimento do PIB deve ficar em 2,8%, uma leve redução em relação ao relatório da semana anterior.

Ainda segundo esse relatório, a inflação esperada para 2018 caiu mais, sendo prevista em 3,53%, fechando o bimestre com a menor taxa desde o início do plano Real. O IPCA ficou em 0,09% em março, variação surpreendentemente baixa, principalmente por conta de educação e transporte, com as maiores quedas.

O Copom reduziu a taxa de juros pela 12ª vez consecutiva, passando de 6,75% ao ano para 6,5% ao ano. Mesmo assim, praticamente se anunciou que na próxima reunião haverá novo corte. Isso está provocando uma mudança no crédito rural, pois parte dos produtores saiu dos empréstimos subsidiados pelo governo federal – fixados, em média, em 8,5% ao ano – para outras fontes com juros de mercado, que se tornaram mais atrativos.

O desemprego de fevereiro ficou em 12,6%, significando 13,1 milhões de desempregados. Tal fato mostra que o mercado de trabalho segue degradado.

O superávit da balança comercial brasileira atingiu US\$ 15,4 bilhões no acumulado entre o início de janeiro e início de abril, segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) nesta segunda-feira (9). Muito disso se deve ao agronegócio, que no mesmo período, exportou US\$ 9 bilhões e apresenta saldo de US\$ 7,8 bilhões.

O Real se desvalorizou bastante em relação ao dólar, fechando o mês de março em R\$3,31, mas com tendência de alta pela instabilidade gerada pela guerra da Síria, que pode ir para uma maior em pouco tempo.

As commodities agrícolas estão com tendência de queda, com desvalorização de 1,56% no mês segundo o Banco Central. Para o Brasil, no entanto, o futuro é melhor: segundo o banco holandês Rabobank, por seu analista a guerra comercial entre Estados Unidos e China injetará US\$ 2,7 bilhões no campo brasileiro.

Com a saída de Henrique Meirelles, ministro da Fazenda, há um problema na confiança dos agentes de mercado, que gostam de suas políticas. Além disso, houve uma abertura de gastos por parte do Governo.

Para tentar driblar essa falta de confiança e mostrar que ainda tem austeridade, lançou pautas para a mudança que foram citadas no boletim passado. Segundo o site da presidência, são:

1. Simplificação tributária: Reforma do PIS/Confins;
2. Autonomia do Banco Central;
3. Marco legal de licitações e contratos (PL 6814);
4. Nova lei de finanças públicas (PL 295);
5. Regulamentação do teto remuneratório (PL 6726);
6. Desestatização da Eletrobrás (PL 9463);
7. Reforço das Agências Reguladoras (PL 6621);
8. Depósitos voluntários do Banco Central (PL 9248);
9. Redução da desoneração da folha (PL 8456);
10. Programa de recuperação e melhoria empresarial das estatais (PL 9215);
11. Cadastro positivo (PLP 441);
12. Duplicata eletrônica (PL 9327);
13. Distrato (PLS 774);
14. Atualização da Lei Geral de Telecomunicações;
15. Extinção do Fundo Soberano.

Para o agronegócio, as principais mudanças seriam a simplificação tributária, uma vez que colocaria o agronegócio em condições de usar o simples nacional, que facilitaria bastante uma das principais atividades do País, e o PL 295, que pode dificultar o crédito em momentos de crise.